

Nossa Morada

Flusser, V. Pós-História, São Paulo, livraria Duas Cidades. P.73-79

Está se processando profunda modificação da forma como moramos. Modificação comparável apenas àquela no início do neolítico, quando passamos ao estágio sedentário. Estamos abandonando a forma sedentária da vida. Estamos de mudança, indivíduos e grupos. Observador distanciado da atualidade terá imagem de formigueiro espantado por pé transcendente. Não pode tratar-se, no caso, de retorno ao nomadismo. Ciganos não estão de mudança; estão enraizados na tribo. Morar não é dormir em cama imóvel, mas viver em ambiente habitual. O lar não é lugar fixo, mas ponto de apoio merecedor de confiança. Ter perdido o lar não é ter abandonado um lugar, mas ter que viver em lugar inabitual, portanto inabitável. Ter que viver em ambiente no qual não nos reconhecemos. Estamos de mudança, porque o nosso mundo se transformou tão radicalmente que se tornou inabitua e inabitável. Não nos reconhecemos nele. E é a isto que não podemos habituar-nos. O habitual não é percebido. O hábito é capa opaca que encobre o ambiente. Na paisagem pátria somente percebemos eventos, não as estruturas fundantes. Se atualmente são as estruturas fundantes que nos chocam no ambiente, é o que houve transformação das estruturas. A recodificação do nosso mundo pelos aparelhos tornou estranho nosso mundo. Somos desenraizados, porque o chão no qual as nossas raízes repousam sofreu tremor tectônico. Isto nos permite assumirmos posição distanciada, crítica, com relação ao nosso mundo. O mundo se tornou estranho, não mais merece confiança, e, enquanto estrangeiros no mundo, podemos criticá-lo. Mas como dizia Kant, a crítica, a dúvida, não é morada. O motivo da nossa crítica é a saudade. Graças à nossa alienação radical somos reacionários, anti-reformistas: não mais moramos.

A transcodagem do nosso mundo pelos aparelhos provocou migração dos povos. Todos estamos de mudança. Não apenas os hindus em Londres perderam a pátria, também a perderam os londrinos, e não apenas os nordestinos em São Paulo, também os paulistanos. Porque Londres, como São Paulo, se tornou inabitual e inabitável. A migração atual dos povos embaralhou história e geografia. O tempo místico dos hindus, e o tempo mágico dos nordestinos ficou sincronizado com o tempo histórico dos londrinos e paulistanos. Estamos vivenciando São Paulo e Londres com espécie de quadri-dimensionalidade de espaço-tempo embaralhado. As categorias históricas não bastam para captarmos isto. E isto está tornando inabitual, e inabitável, tais cidades. Não mais reconhecemos nelas produtos da nossa história, e portanto não mais nos reconhecemos a nós próprios nelas. Tal migração dos povos é constituída de ondas sucessivas de bárbaros que invadem a cena provindas do horizonte. Mas desta vez não provêm das estepes. Brotam dos úteros abertos de moças subnutridas, essas matriarcas do futuro. Se contemplarmos os rostos sofridos dessas moças de cor, reconhecemos neles a tripla violentação da qual são vítimas. Por parte dos seus próprios machos, por parte da sociedade da qual participamos, por parte dos aparelhos. Reconhecemos pois em tal rosto o nosso próprio passado: Os nossos próprios crimes. O rosto do futuro tem traços do nosso passado. E esta é a verdadeira razão porque nós, os “burgueses” estamos de mudança.

Estamos fugindo do nosso passado. O nosso passado nos persegue. As ondas de nenês com barriga edêmica que brotam dos úteros das moças de cor nos propelem rumo ao progresso. Tal situação é inabitual: que temos o futuro às costas. Que “progredir” não significa, atualmente demandar o futuro, mas evitar o passado. Que, no caso do progresso aparelhístico, não mais se trata de abrir campo para o futuro, mas de “resolver” os problemas criados pelo passado sob a forma de nenês famintos. Que nosso progresso é método para evitar sermos devorados pelo passado que nos persegue. Isto é inabitual: que progresso passou a ser forma de reação. Que

somos reacionários, precisamente por sermos progressistas. Mas não é isto que torna a situação da migração dos povos tão terrificante. O terror é o fato que a “humanidade futura”, os nenês famintos, avança na mesma direção para qual estamos nós fugindo. Que a humanidade futura procura alcançar-nos e ultrapassar-nos. Que todos, fugitivos e perseguidores, estão sendo sugados para o mesmo abismo, o da programação pelos aparelhos. Que a humanidade toda, a “antiga” e a “nova”, está se “desenvolvendo” conforme programa.

Em tal desenvolvimento geral é preciso que se distinga entre três movimentos superpostos. O movimento a prazo curto, a prazo médio, e a prazo longo. O movimento do mar pode servir de modelo. A prazo curto trata-se das ondas que se quebram na praia. A prazo médio das marés. A prazo longo das modificações que o mar provoca nos contornos dos continentes. Se quisermos captar a dinâmica da migração atual dos povos, devemos distinguir entre tais níveis, sob pena de tornarmos tal migração ainda mais nefasta.

O prazo curto se manifesta, no Primeiro mundo, nos engarrafamentos nas auto-estradas em busca da neve em dezembro, e em busca do sol em julho. No terceiro mundo se manifesta nos caminhões superlotados que acompanham as colheitas das monoculturas. O prazo médio se manifesta, no primeiro mundo, por mobilidade social (aburguesamento do proletariado, e decadência da burguesia). No terceiro mundo se manifesta pela inchação monstruosa das cidades. O prazo longo se manifesta, no mundo inteiro, pelo avanço inexorável da população tropical rumo ao clima temperado, no caso do mundo “desenvolvido” : pelo avanço inexorável do “sul” rumo ao “norte”. O prazo longo se manifesta pela invasão da sociedade histórica, aparelhística, pelas sociedades “pré-históricas” as quais procuram “conquistar a história”, mas na realidade avançam pós-história adentro. Um exemplo do perigo de confusão entre tais níveis é fornecido pelo planejamento urbano. Os urbanistas procuram atualmente canalizar a migração a prazo médio. As “villes neuves” francesas visam construir “lares” para os imigrantes africanos, e os “desfavelamentos” procuram absorver os nordestinos nas cidades pára-ocidentais do sul brasileiro. Seus projetos visam vinte anos, que é o quanto duram tais “lares”. Mas ao fazê-lo, os urbanistas estão extravasando o prazo médio. Estão penetrando, com seus projetos, o prazo longo, o qual não é tão longo quanto pensam. Os nenês famintos não permanecerão por tanto tempo nos lares projetados. Sua paciência não é tão longa. Utilizarão eles tais projetos urbanos como campos de passagem. Mudarão dos desfavelamentos para Brasília, e das “Villes neuves” para os centros históricos das cidades antes do prazo previsto. O futuro está nos nossos calcanhares, e nos alcançará antes do prazo previsto por nossos projetos. Somos programadores míopes: não captamos a essência da migração dos povos.

Tal miopia dos nossos programas é compreensível. Parece que a migração atual é de fato canalizável a médio prazo, já que fenômenos como nenês famintos em Grenoble não é novidade. Por exemplo: os sudetos na Baviera depois da Segunda Guerra, os pieds noirs em Marselha depois da guerra algeriana, os khmers e os cubanos em Flórida atualmente. Mas os nenês em Grenoble são fenômenos diferentes. Não são refugiados, são invasores. Os hindus estão invadindo Londres, os turcos Hamburgo, os nordestinos São Paulo, e os algerianos Grenoble. Os nossos programadores não se dão conta disto, porque os nenês não se comportam como invasores. Os hindus não chegam a Londres como os londrinos chegaram outrora em Delhi. Não estão ocupando palácios, mas cortiços. É que os invasores não são vencedores. Na migração atual dos povos tal categoria não existe: todos são vencidos. Todos estão se “desenvolvendo”. Os invasores estão se desenvolvendo mais depressa que nós, estão nos alcançando e vão nos ultrapassar, a fim de serem mais depressa vencidos, mais bem programados. Eis a tendência a prazo longo da atual migração dos povos.

A invasão atual do Primeiro mundo pelo Terceiro é inabitual por muitos aspectos: Por exemplo pelo fato de serem os invasores nenês. Por isto não dispomos de modelos para captarmos o evento. Em vez de elaborarmos estratégias míopes e hipócritas para a canalização do fenômeno (por exemplo “ajudas ao desenvolvimento”), urge que elaboremos modelos que nos permitam captá-lo. E, curiosamente, tais modelos são disponíveis em terreno inesperado. A estética fornece modelos para a captação de fenômenos inabituais, inusitados. É útil aplicá-los ao fenômeno da migração dos povos. O habitual não é percebido, mas é vivenciado. O habitual é vivenciado como bonito. Isto é a base existencial do patriotismo. A pátria é mais bonita que qualquer outra paisagem por passar despercebida. O patriotismo é kitsch. O inabitual é percebido e vivenciado como terrível. É feio. Nenês famintos em Grenoble são feios. Entre o habitual e o inabitual, o bonito e o feio, há tensão superável por salto. O salto é vivenciado como beleza. Beleza é a vivência do terror superado. A história da arte é cíclica: bonito-feio-belo-bonito. Porque a beleza vira bonitez, quando for habitualizada.

O salto do feio para o belo é processo penoso. Os cubistas aprenderam, a duras penas, de saltar da feiura africana para a beleza na Rive gauche, e os receptores da sua mensagem aprenderam, penosamente, a acompanhar tal salto. Atualmente toda moça de boa família pinta cubisticamente. Quem come pizza, acha feio comer mão de macaco, e deve aprender, a duras penas, que se trata de prato delicioso. Atualmente os supermercados vendem conservas de mão de macaco. A transformação do terror em beleza exige esforço. A transformação da beleza em kitsch se dá espontaneamente.

Tal modelo estético é aplicável à migração atual dos povos. Devemos aprender a descobrir a beleza no terror do evento. Descobrir a beleza nos nenês famintos e nas moças de cor sofridas. Para falarmos arcaicamente: devemos aprender a amá-los. E como “amor” é reconhecimento do outro, devemos aprender a nos reconhecer no futuro que nos persegue, e o qual é o nosso próprio passado. Devemos, em outros termos, aprender a amar o futuro que não é mais nosso. E devemos fazê-lo com consciência plena que tal futuro visa a programação, e que vai devorar-nos. Tarefa difícil. Mas não é tarefa sobre-humana (“cristã” por exemplo). Tem sido cumprida sempre e em toda parte. Todos, quando envelhecem, vivem em ambiente inabitual e inabitável: no mundo dos netos. Devemos amar o futuro, os nenês famintos, como se fossem netos. Dos quais Goethe diz que são a mais feroz das feras. Em outros termos: devemos admitir que nosso mundo está morrendo, e devemos amar isto. Nada devemos esperar para nós de um tal engajamento em prol de um futuro inimigo. Deve ser engajamento puro. Se aprendermos tal arte suprema, “ars moriendi”, o terror da atualidade virará “aventura” experiência do belo. E curiosamente, poderemos doravante morar novamente. Porque a abertura para a morte é a verdadeira morada do homem, esse ente que existe para a morte. Na migração atual dos povos temos o privilégio de poder vivenciar a abertura para a morte não apenas individualmente, mas coletivamente. Estamos vivenciando nossa abertura para a morte da nossa cultura.